

MAM retrata corpos indomáveis e históricos na exposição *O útero do mundo*

A curadora Veronica Stigger selecionou cerca de 280 obras de 120 artistas contemporâneos em que o corpo aparece como lugar de expressão de um impulso desvairado e que se apresenta transformado, fragmentado, deformado, sem contorno ou definição;

São pinturas, desenhos, fotografias, esculturas, gravuras, vídeos e performances do acervo do museu de nomes como Lívio Abramo, Farnese de Andrade, Claudia Andujar, Flávio de Carvalho, Sandra Cinto, Antonio Dias, Hudinilson Jr., Almir Mavignier, Cildo Meireles, Vik Muniz, Mira Schendel, Tunga e Adriana Varejão

A partir de 5 de setembro, o **Museu de Arte Moderna de São Paulo** apresenta a exposição **O útero do mundo**, que reúne cerca de 280 obras pertencentes ao acervo do MAM que mostram a indomabilidade e as metamorfoses do corpo. Com curadoria da escritora e crítica de arte Veronica Stigger, as produções selecionadas - num universo de mais de cinco mil trabalhos da coleção do museu - são de variados suportes como fotografia, pintura, vídeo, gravura, desenho, escultura e performance de mais de 120 artistas que revelam um corpo que não respeita a anatomia e liberto de amarras biológicas e sociais. Baseada na proposição dos surrealistas de compreender a histeria como uma forma de expressão artística, a apurada seleção da curadora faz um elogio à loucura, ilustrando esse “corpo indomável” que, embora reprimido pela humanidade, manifesta-se no descontrole, na histeria e na impulsividade.

Para organizar a mostra, a curadora recorreu a três conceitos extraídos da obra da escritora Clarice Lispector que servem como fios condutores que separam os trabalhos nos núcleos *Grito ancestral*, *Montagem humana* e *Vida primária*. Segundo Veronica, a autora naturalizada brasileira retomou com brilho o elogio ao impulso histórico. “Clarice organizou um pensamento simultâneo da forma artística e do corpo humano como lugares de êxtase e de saída das ideias convencionais, tanto da arte quanto da própria humanidade”, afirma. São exibidas, conjuntamente, obras de artistas celebrados como Lívio Abramo, Farnese de Andrade, Claudia Andujar, Flávio de Carvalho, Sandra Cinto, Antonio Dias, Hudinilson Jr., Almir Mavignier, Cildo Meireles, Vik Muniz, Mira Schendel, Tunga, Adriana Varejão e muitos outros, além de duas performances de autoria de Laura Lima.

Grito Ancestral

Abrindo a mostra, *Grito ancestral* contém obras que representam uma série de gritos. “É como se esse som, anterior à fala e à linguagem articulada, atravessasse os tempos e rompesse com as próprias imagens”, explica a curadora. “O grito se contrapõe à ponderação e pode ser visto como indício de loucura. Gritar é, em certa medida, libertar-se das frágeis barreiras que delimitam aquilo a que convencionamos chamar de ‘cultura’ em oposição à ‘natureza’ e ao que há de selvagem e indomável em nós”, afirma. Nessa área estão expostos três autorretratos da série *Demônios, espelhos e máscaras celestiais*, de Arthur Omar, artista com trabalhos que demonstram estados alterados de percepção e de exaltação. Também fazem parte a fotografia *O último grito*, de Klaus Mitteldorf; a colagem *Medusa marinara*, de Vik Muniz; fotos de performances de Rodrigo Braga; a gravura *Mulher*, de Lívio Abramo; além de imagens em preto e branco de Otto Stupakoff. Com a série *Aaaa...*, a artista Mira Schendel

apresenta uma escrita que não constitui palavras ou frases e em que se percebe a desarticulação da linguagem e uma volta ao estado mais bruto e inaugural.

Montagem humana

Neste nicho são apresentados corpos fragmentados, transformados, deformados e indefinidos, o que prova a indomabilidade do mesmo. Na exposição é percebido como o traço se convulsiona nas obras intituladas *Mulheres*, de Flávio de Carvalho, nos desenhos de Ivald Granato e nas produções de Tunga, Samson Flexor e Giselda Leirner. Nas fotografias, é a falta de foco que borra o contorno da figura nas imagens de Eduardo Ruegg, Edouard Fraipont e Edgard de Souza. Com o uso da radiologia, é possível verificar o interior do corpo humano nas obras de Almir Mavignier e Daniel Senise. Destacam-se ainda as fotografias feitas por Márcia Xavier, um desenho de Cildo Meireles e as produções que misturam imagens, couro e madeira de Keila Alaver que representam, literalmente, corpos transformados e fragmentados.

Vida Primária

Este nicho dá vez às formas de vida mais elementares, como fungos, flores e folhagens. “Este tipo de vida desestabiliza a percepção que temos da própria vida porque, de certa maneira, deteriora as coisas do mundo ‘civilizado’”, explana Veronica. Isso é ilustrado na série *Imagens infectas*, de Dora Longo Bahia, em que um álbum de família é alterado pela ação de fungos. Em *Vivos e isolados*, Mônica Rubinho usa papéis propositalmente fungados em placas de vidro para promover a geração desta espécie. No vídeo *Danãe nos jardins de Górgona ou Saudades da Pangeia*, Thiago Rocha Pitta propõe uma leitura mitológica da vida primária. Ainda são exibidas partes do corpo como o coração feito de bronze, de autoria de José Leonilson, e a foto *Umbigo da minha mãe*, de Vilma Slomp. A vagina, porta de entrada e de saída do útero, é mostrada em diversos trabalhos como nas gravuras de Rosana Monnerat e de Alex Flemming, nas fotografias da série *vulvas*, de Paula Trope e no desenho *Miss Brasil 1965*, de Farnese de Andrade.

Sobre a curadora

Veronica Stigger é escritora, crítica de arte e professora universitária. Possui doutorado em Teoria e Crítica de Arte pela USP e pós-doutorados pela Università degli Studi di Roma “La Sapienza”, pelo MAC-USP e pelo Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. É professora das pós-graduações em Fotografia e em História da Arte na FAAP, além de coordenadora do curso de Criação Literária da Academia Internacional de Cinema (AIC). Foi curadora de *Maria Martins: metamorfoses* no MAM São Paulo (2013) e ganhou o Grande Prêmio da Crítica da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e o Prêmio Maria Eugênia Franco, concedido pela Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) de melhor curadoria. Com Eduardo Sterzi, curou *Variações do corpo selvagem: Eduardo Viveiros de Castro, fotógrafo*, no SESC Ipiranga. Entre as publicações, estão *Os anões* (SP: Cosac Naify, 2010), *Delírio de Damasco* (SC: Cultura e Barbárie, 2012) e *Opisanie świata* (SP: Cosac Naify, 2013).

Serviço:

O útero do mundo

Curadoria: Veronica Stigger

Local: Grande Sala

Abertura: 5 de setembro (segunda-feira), às 20h

Visitação: até 18 de dezembro

Entrada: R\$ 6,00 - gratuita aos domingos

Local: Museu de Arte Moderna de São Paulo

Endereço: Parque Ibirapuera (Av. Pedro Álvares Cabral, s/nº)

Horários: Terça a domingo e feriados, das 10h às 17h30 (com permanência até as 18h)

Tel.: (11) 5085-1140

atendimento@mam.org.br

www.mam.org.br

www.facebook.com/MAMoficial

www.twitter.com/MAMoficial

www.youtube.com/MAMoficial

www.instagram.com/MAMoficial

www.pinterest.com/MAMoficial

Estacionamento no local (Zona Azul: R\$5 por 2h)

Acesso para deficientes / Ar condicionado

Restaurante/café

Mais informações para a imprensa

Conteúdo Comunicação

Ana Livia Lima - analivia.lima@conteudonet.com - 5056-9812 / 96076-2747

Roberta Montanari - roberta.montanari@conteudonet.com - 99967-3292

Tel. (11) 5056-9800

www.conteudocomunicacao.com.br

www.twitter.com/conteudocom

www.facebook.com/agenciaconteudo